
VOZES DOCENTES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E VIDA PESSOAL APÓS A GRADUAÇÃO DE HISTÓRIA NO INTERIOR SERGIPANO

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Dep. de Educação da Universidade Federal de Sergipe

heimar@ufs.br

Introdução

O presente estudo tem por objetivo apresentar alguns dos desdobramentos ocorridos nas práticas pedagógicas e na vida pessoal de professores egressos do curso de licenciatura em História, realizado no Projeto de Qualificação Docente (PQD), implementado em 1998 pela Universidade Federal de Sergipe, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe, no Pólo Regional de Propriá.

A utilização da metodologia da história oral teve importância significativa para a construção desta pesquisa por entendermos que este caminho metodológico nos possibilita dar voz àqueles que normalmente não a tem, ou seja, foram silenciados pela historiografia tradicional (GOODSON, 1995; JOUTARD, 2000; MEIHY, 2002; THOMSON, 2000). A ideia de assegurar que a voz dos docentes, seja ouvida, e compreendida, e que através destes depoimentos possam ser reveladas outras realidades ainda não investigadas, foi o principal fator que impulsionou a tentativa de reconstituir a leitura desse novo mundo, ou seja, do sujeito que atua no ensino de História no interior sergipano, fruto da formação do PQD da UFS.

Através de relatos de história oral foram colhidos depoimentos de oito professores habilitados em História, egressos do PQD. Sempre à luz das narrativas dos docentes, foram apontados aspectos na vida pessoal relacionados ao PQD; as inovações das práticas pedagógicas desses sujeitos; suas novas propostas metodológicas; situações de aprendizagens e alguns novos anseios frente ao desafio da formação superior.

Voices Docentes

De acordo com os entrevistados, a conclusão do curso de História proporcionou mudanças significativas em suas práticas pedagógicas e pessoais. No geral, antes da realização do curso de História, os paradigmas pedagógicos dos professores

entrevistados eram caracterizados pela valorização do ensino humanístico e da cultura geral, tendo a proposta metodológica marcas dos pressupostos da tendência tradicional. Concernente à vida pessoal, novos valores e concepções passaram a fazer parte dos seus cotidianos.

Com objetivo principal de fugir de práticas centradas na “didática tradicional” e poder estimular o aluno para a aprendizagem em História, o professor Alberto, em alguns momentos das suas atividades em aula, tem inserido a música como recurso didático. Mesmo tendo fins previamente determinados para novas dinâmicas de aprendizagem em sala de aula, o trabalho com músicas é visto por alguns colegas professores e diretores como uma forma de “enrolar”,

Antes do PQD eu não trabalhava com músicas. Era trabalho, como já foi colocado, centrado na didática tradicional, né, com um pouco de progressista. Mas trabalhar com música, para alguns colegas diretores era enrolar e no PQD você tem essas orientações, tem os textos que lhe dão um embasamento muito amplo. (Entrevista ao autor em 04/03/1995)

De acordo com Alberto, mesmo antes do ingresso no curso de História, as suas preferências musicais “sempre foram da MPB”. Ao longo da formação superior, o seu gosto “ficou mais evidente porque a gente trabalhava com disciplina específica ‘História’, Didática da História’, e trabalhava como lidar com música, como lidar com cinema, né, a gente (eu) aprendi muita coisa, os colegas também” [...].

O cotidiano familiar de Alberto foi influenciado pela formação superior. As aprendizagens obtidas através do curso também alteraram alguns hábitos musicais dentro do seu lar, pois, a partir do PQD, “a gente, inconscientemente é a nossa prática, dia-a-dia, eu acredito que vai transformando, mexendo com a vida dos que estão à sua volta”.

A ampliação do conhecimento e da base teórica possibilitada pelo PQD resultou em maior segurança para as aulas de outros professores. O depoimento do professor Claudomir é bastante ilustrativo a esse respeito:

Para você ter uma idéia, eu tinha dificuldade de passar duas aulas... tendo argumento pra dar duas aulas seguidas, né? E agora, eu tenho essa condição, meu preparo... é... intelectual até, me dá essa condição de você passar duas horas com os argumentos, com um maior preparo na matéria estudada, isso

me deu uma condição de desenvolver propostas interessantes em sala de aula.
(Entrevista ao autor em 18/03/2005)

Para falar a respeito do curso de História no PQD, Claudomir se reportou a sua primeira experiência de graduação no Campus da UFS que ficou inconclusa. Segundo ele, ambas foram importantes para a sua formação, embora destaque que a do PQD teve uma “maior consistência”, em função de ter a característica específica de “[...] qualificação de professores, mesmo”. O principal argumento da diferenciação estabelecida por Claudomir é o de que a turma de alunos do campus era “heterogênea” enquanto que todos os colegas do PQD eram efetivamente professores da rede pública, o que possibilitou a troca de muitas experiências pedagógicas.

Outro ponto ressaltado pelo professor, foi o fato de que, por estar exercendo o magistério e de ter tido a oportunidade de cursar o nível superior simultaneamente com o exercício de suas atividades profissionais, a sua prática docente teve ganhos consideráveis, “[...] alguns imediatos e outros ao longo do tempo”.

Para o professor Claudomir, a obtenção do curso superior possibilitou consideráveis mudanças em seu cotidiano. Uma delas foi que para as suas aulas “(...) achava que já estava preparado e não fazia muitas leituras de outros textos que pudessem me dar subsídios”. Tendo em vista que com a conclusão do curso teve uma melhora nos seus rendimentos, Claudomir passou a poder adquirir mais livros e com isso melhorar a qualidade do seu trabalho através de maior variedade de leituras “Hoje eu já leio mais, já obtenho informações, ganho mais e foi onde... fui buscar subsídios para as minhas aulas”.

A professora Otaviana pontuou em seu relato a satisfação de ter realizado o curso de História pelo PQD. Admite que a partir da conclusão do nível superior passou a ter maior clareza acerca da sua prática pedagógica desempenhada antes e após a realização da graduação.

À luz dos conhecimentos adquiridos no PQD, o exercício de sua docência deixou de ter uma postura acrítica passando a ter condições de reavaliar o seu trabalho, pois “Antes, a prática desenvolvida era bem tradicional. Hoje tenho conhecimento científico de que posso fazer o melhor em relação à aprendizagem dos alunos, reavaliando a minha prática pedagógica, buscando novos desafios”.

Como no momento da realização da entrevista Otaviana não exercia o magistério, por desempenhar a função de secretária na Escola Estadual Ernesto Muniz Barreto, em General Maynard, uma das suas ações passou a ser a de ajudar as colegas em algumas atividades pedagógicas desenvolvidas em sua escola, conforme declarou:

Sinto-me segura para realizar todas as tarefas para a qual fui designada. O sucesso da minha formação também me deixa feliz e apta para incentivar e poder ajudar as colegas de trabalho na elaboração de projetos, indicando alguns livros, pois na biblioteca da escola existe um grande acervo de livros os quais eu usei durante o curso [...] não os usava antes porque não tinha o conhecimento da importância literária que cada volume ali continha. (Entrevista ao autor em 21/03/2005)

As narrativas da professora Otaviana sinalizam a reelaboração dos seus saberes iniciais e a tomada de uma posição crítico-reflexiva acerca das suas ações, a partir da realização do curso de História. As trocas de experiências coletivas e práticas ocorridas ao longo do PQD, possibilitaram-na vivenciar novas concepções pedagógicas, proporcionando-lhe rever o cotidiano vivido nos seus contextos escolares.

Neste sentido, a partir do depoimento da professora Otaviana, é importante considerar o papel de destaque ocupado pelos saberes reflexivos para compreensão da qualificação docente. Considerando as reflexões de Pimenta, a formação superior é mediada por vários tipos de saber:

saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica. Isso coloca os elementos para produzir a profissão docente, dotando-a de saberes específicos que não são únicos, no sentido de que não compõem um corpo acabado de conhecimentos, pois os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores. (PIMENTA, 1988, p.174).

Para Gildaci, a oportunidade da realização do PQD foi ímpar, uma vez que o crescimento intelectual mudou a sua visão de mundo, “[...] parece que a mente ficou mais aberta, perante o seu grupo de trabalho, a sociedade, você se sente mais capaz”. A compreensão da História com maior profundidade possibilitou ministrar aulas mais atraentes, em face de ter possibilidade de explicar melhor e de agora dispor de várias formas metodológicas para as abordagens dos conteúdos. “Não é aquela coisa só de

“você ler, ditar, escrever, passar um exercício, aquela coisa. Não! Você já vê o lado de uma entrevista, o lado de uma pesquisa... você, eu acho assim, você se toca!”

De acordo com a professora Gildaci, alguns desdobramentos do curso superior passaram a influenciar fortemente até no comportamento de discentes nas suas aulas. Com a apresentação dos seminários, observou que alguns alunos demonstraram maior desinibição para as exposições orais, facilitando assim a aprendizagem em História. Ela lembrou que a proposta metodológica utilizada em suas aulas é bem diferente da época em que estudava, pois “[...] quando eu estudei não tive essa oportunidade”.

Para esta professora, apesar da profissão, o fato de ser “meio calada” tem fortes relações com os métodos utilizados quando estudava, uma vez que a maioria das aulas recebidas consistia em exposições orais dos professores, tendo o aluno a obrigação meramente de fazer anotações, realizar tarefas e avaliações por escrito, sem oportunidade de participar das aulas. Tais propostas convergem com a colocação de Behrens acerca da tendência tradicional de ensino ao afirmar que “A organização dos procedimentos didáticos não leva em consideração o aluno, que deve restringir-se a escutar, decorar, e repetir conteúdos propostos” (BEHRENS, 2005, p. 43).

A professora Gildaci também avaliou as suas novas práticas pedagógicas. A inserção das pesquisas em suas aulas permitiu uma maior noção de cidadania dos alunos e participação dos mesmos de forma mais efetiva na sociedade. Segundo ela, atividade desse gênero “[...] acaba deixando o aluno mais à vontade e até ele vai depois ter mais interesse pela coisa. Uma coisa é você ouvir, ouvir, ouvir... e outra coisa é você estar ali, você está pesquisando, você está perguntando, você está procurando, então, o interesse fica maior”.

A professora Nivalda situou a importância da qualificação em serviço para a sua vida, ao afirmar que “Com certeza eu tinha uma visão do mundo e, após fazer o PQD, a visão foi outra!”. Mesmo sem declarar com especificidades, o depoimento dessa professora ressaltou os “conhecimentos” adquiridos como uma importante contribuição da formação superior: “Tudo para melhor, claro! Passei a entender várias coisas! Comecei a perceber coisas que até então eram assim, eu posso dizer, assim, desconhecidas. Então, os conhecimentos me ajudaram bastante!”

Com relação à prática pedagógica, Nivalda lamentou profundamente o fato de que na época em que estava realizando o curso não ministrava aulas de História para o ensino fundamental: “Antes, até mesmo aquela questão, ou seja, eu dava aula para a 4ª série e, a gente na sala, a gente tinha aquela visão de que o ‘Brasil foi descoberto’ certo, e os meninos, todos, é acreditam [...]”. Após a conclusão do curso tomou consciência da importância dos ensinamentos adquiridos ao longo da trajetória universitária para suas aulas de História, conforme consta no seu depoimento:

[...] se eu estivesse atuando é... História, eu teria aproveitado muito mais! Só agora eu fui perceber a necessidade... perceber a necessidade... de como agora eu gostaria de estar fazendo agora novamente, ou seja, atuando com História na 8ª série! Agora eu vou dar um assunto que eu tenho certeza que já vi e eu tenho certeza de que, eu novamente, daquela forma que eu vi lá no PQD, tenho certeza de que eu iria render muito mais! (Entrevista ao autor em 28/03/2005)

Para a professora Conceição, a conclusão do curso foi bastante importante no que concerne aos saberes adquiridos e, sobretudo, porque não gostava de História “[...] em termos de aprendizado, foi grandioso para mim! Por eu não gostar de História e hoje amar a História... ela fez com que eu conhecesse muitas verdades que eu não conhecia!”

Segundo as narrativas de Conceição, sua prática pedagógica sofreu várias mudanças, sobretudo pela diversidade bibliográfica utilizada e pelas novas relações estabelecidas com conteúdos históricos e o cotidiano dos alunos:

Após entrar no PQD, mudei bastante o modo de trabalhar, sempre procurando expandir meus conhecimentos, pesquisando outras bibliografias, expondo o conteúdo com mais clareza para o alunado, mostrando através dos livros a História passada no mesmo instante, trazendo para a realidade do dia-a-dia. (Entrevista ao autor em 24/03/2005)

Concernente à sala de aula, Conceição observou que há turmas que não apreciam as suas inovações adotadas. Atribui como principal limitação de aprendizagem dos seus alunos, as dificuldades de leitura, conforme relata a seguir:

Algumas turmas não gostam! Mas eu creio que porque eu falo muito rápido por causa do PQD, eu aprendi! Os professores (do PQD) falam rápido demais e eu comecei a ensinar dessa forma. A forma também de que eu fico explicando... eu sempre coloco para eles o seguinte: “Mesmo tendo no livro

que eles prestem atenção às explicações” (é a forma principal), mas dentro dessas explicações e da leitura do texto, eles irão encontrar parágrafos que estão relacionados com a explicação. Aí, o problema maior das turmas é que a grande maioria não gosta de ler e esse ano eu estou trabalhando com leitura para ver se eles se interessam um pouco mais. (Entrevista ao autor em 29/03/2005)

Mesmo sem apresentar outros detalhamentos, Conceição foi a única professora que afirmou adotar em suas atividades docentes propostas interdisciplinares. “[...] buscamos trabalhar de forma interdisciplinar, sempre integrando o aluno à realidade local como também às suas necessidades para a melhoria do desempenho e do rendimento escolar”.

A narrativa da professora Conceição se aproxima da ideia de que a interdisciplinaridade é uma proposta integradora, tendo como um dos objetivos conseguir uma melhor formação geral, possibilitando uma maior “[...] identificação entre o vivido e o estudado, desde que o vivido resulte da inter-relação de múltiplas e variadas experiências” (FAZENDA, 1991, p. 32)

A obtenção do nível superior em História também provocou mudanças na prática pedagógica da professora Lourdes. Segundo ela, os conhecimentos adquiridos ao longo do curso alteraram alguns procedimentos em suas atividades docentes, por ter agora o pressuposto de que “Hoje eu estou totalmente diferente... eu não sou a dona da verdade”.

A partir dos princípios reflexivos adquiridos no curso de História, Lourdes tem estimulado ações em sala de aula, para que o aluno deixe de ser passivo e receptivo. A sua concepção acerca do processo educativo é a de que o aluno permaneça em sala de aula e esteja apto para questionamentos, a fim de que ele “possa se tornar um aluno crítico”.

A proposta descrita por Lourdes sinaliza que suas aulas de História são pautadas na perspectiva de possibilitar novas concepções de produção do conhecimento histórico. Apesar de não ser feita referência direta, sua fala aponta para perspectivas da História Nova em função de que se dispõe através da sua prática pedagógica auxiliar na formação de “[...] pessoas mais criativas, mais críticas, mais capazes de autonomia intelectual”. (CRUZ, 1996, p. 75)

Com o objetivo de estimular a aprendizagem, a professora Lourdes tenta propiciar, sempre que possível, um acompanhamento individualizado e prioriza “muito

o trabalho feito na sala, porque muitos deles são dispersos também, às vezes querem copiar as idéias do coleguinha [...]”.

Na concepção de Lourdes, a gama de conhecimentos adquiridos ao longo do curso de História possibilitou algumas mudanças nas atividades docentes adotadas também para o ensino médio:

Hoje em dia, o ensino médio não fornece livro didático¹, mas eu tenho aquela preocupação de confeccionar apostilas de acordo com o conteúdo que eu vou trabalhar. Como na minha casa eu já tenho esse privilégio que antigamente eu não tinha – do computador – não é? Então eu elaboro as minhas aulas assim, dessa maneira: preparo apostila, juntamente com a direção. Quando ela tem material, eu peço lá, quando não tem, eu utilizo o meu material. Porque eu acho que a aula sai melhor, eles vão ter conteúdo e eu vou trabalhar através da síntese do conteúdo... no quadro didático e também eu utilizo muita transparência. (Entrevista ao autor em 24/03/2005)

Para a professora Lourdes, apesar de ter tido contato com várias propostas metodológicas inovadoras ao longo do curso, no ensino fundamental, a utilização do livro didático é uma condição *sine qua non* para a realização das suas aulas:

Mas a nossa escola tem o livro didático, porque o MEC fornece através do FNDE, que é um projeto que traz o livro para todos os alunos. Então, esse ano, tanto na escola municipal como na estadual recebeu o livro. Então, todos os alunos têm o livro didático. Eu trabalho com esse livro didático e também mando eles procurarem outros através de uma pequena biblioteca que a escola dispõe. Então eu estou trabalhando dessa maneira. (Entrevista ao autor em 24/03/2005)

Segundo ela, a grande diferença consistia em que quando os alunos não dispunham do livro didático, não conseguia contemplar todos os conteúdos programados para o período letivo em decorrência de que a cópia de todo o assunto era realizada “No quadro, giz a giz, palavra por palavra! Então, atrasava muito a transmissão do conteúdo. Então, no final do ano eu vou dar praticamente o conteúdo programático, por quê? Porque eu tenho o livro!”.

“Eu não me apego mais ao livro didático!” Com esta frase, Edma apresentou sua nova concepção metodológica, adotada para as aulas de História, Sociedade e Cultura, a partir da conclusão do curso superior. A justificativa para tal medida foi claramente explicada: “Eu utilizava muito os livros didáticos. Quando eu estudei

História eu estudava decorando, tinha que decorar mesmo, certo? Não tinha aquela reflexão crítica. Nós fomos assim educados a ouvir e a decorar, ouvir e decorar. E foi assim que eu cheguei no PQD!”

O fato de estar desapegada ao livro didático, não quer dizer necessariamente que tenha sido excluído esse recurso das atividades docentes da professora Edma. Um novo olhar acompanhado de outras propostas passaram a integrar a utilização desse material, conforme o seu depoimento:

Eu leio o livro didático, faço uma reflexão e digo aos meus alunos o seguinte: “Aquele livro foi feito para ser vendido, eles colocam lá como eles quiseram, mas a gente tem que fazer uma reflexão, pensar o que está nele, no passado, e trazer para o presente, para a gente fazer uma comparação”. (Entrevista ao autor em 26/03/2005)

A realização do curso universitário também propiciou outra mudança significativa na vida de Edma. Através do grau de “consciência” adquirida ao longo da graduação, ocorreu a separação do seu esposo, conforme sua narrativa:

[...] antes eu tinha uma visão, hoje eu tenho outra visão de mundo! Eu sei me defender! Até para o meu casamento eu acho que o PQD foi importante! [...] se antes eu tivesse a consciência que eu tinha... assim... como a gente pode agir, como a gente pode viver, certo? Até como eu fui criada! Eu fui criada como? Que mulher separada é mulher sem dono! (risos). Foi essa consciência que o meu pai me deixou! Aí, depois que eu estava no PQD meu pai faleceu. Eu já não tinha mais aquela consciência, mas por outro lado eu pensava na reação deles em ter uma filha separada, entendeu? Que eles tinham quase certeza, assim pela minha forma de agir, a minha situação de não aceitar tudo [...] Não era de aceitar tudo! Mas tinha o outro lado que era o medo de eu me arrepender futuramente e outra coisa que eu via era...como meu pai, toda a família teve um impacto...meus irmãos...eu não chorei, não tive nada! Mas encontrei irmãs minhas chorando de raiva porque eu me separei! Então é o seguinte: vai continuar tudo do jeito como era. Só vai mudar para mim! Então não teve nenhum problema. O problema é a minha consciência. A minha reflexão de vida que eu faço. Então eu acho que o PQD também me ajudou! Ajudou muita gente que tomou decisão. De qualquer forma a universidade me ajudou! (Entrevista ao autor em 26/03/2005)

Segundo Edma, foi a construção da consciência obtida a partir do PQD que tornou possível o término do seu casamento, mesmo lidando com forte pressão familiar e social. A tomada de consciência não parece ser um caso isolado. De acordo com a depoente, outras pessoas também foram contempladas com novas formas de pensar

“porque muita gente tomou decisão”. Parafraseando Priore, Edma rompeu “as vozes do silêncio”. A ajuda dos ensinamentos e do convívio na universidade, influenciou sobremaneira a tomada da decisão da separação. Desta forma, neste caso específico, pode-se afirmar que a qualificação em serviço se abriu “para novas histórias e para novas maneiras de fazer a história da mulher e das mulheres”. (PRIORE, 1998, p. 235).

Considerações Finais

À luz dos depoimentos, constatamos que o PQD proporcionou algumas mudanças significativas nas práticas pedagógicas e nas vidas pessoais. Uma delas foi a tomada de consciência acerca do exercício docente desempenhado antes da formação superior, tendo em vista que todos reconheceram que não refletiam acerca das suas práticas pedagógicas.

Antes de galgarem o curso superior, os saberes desses professores aplicados em sala de aula obedeciam a condicionantes baseados em pressupostos da tendência tradicional, que foram construídas em suas trajetórias, tendo sido incorporados às suas experiências profissionais e às suas habilidades individuais, ao longo da vida escolar.

O contato com o mundo acadêmico permitiu aos professores trocas de experiências com os docentes universitários e também com seus pares de outras localidades, além da apropriação de novas propostas teórico-metodológicas voltadas para uma formação crítica e dinâmica do ensino de História, alterando sobremaneira as suas concepções de mundo.

A titulação em nível superior tem sido considerada como uma resposta à globalização econômica, em face às transformações do mundo do trabalho e pela acirrada competitividade da sociedade. Assim, a formação em serviço, via PQD, trouxe para os bancos escolares uma população adulta de professores do interior sergipano com a expectativa de adquirir novas competências técnicas para a lide em sala de aula, bem como de obterem melhoria salarial a partir da titulação.

Os novos saberes adquiridos e suas práticas contemplam pressupostos de que a tomada da consciência do fazer pedagógico está voltada para a construção da cidadania, tendo como eixo central a perspectiva de uma formação sócio-histórica. Neste sentido, as narrativas enfocaram que o ensino de História está centrado na ideia de que o aluno deve trilhar caminhos reflexivos, predominando a criticidade e a criatividade.

Referências Bibliográficas

- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O Paradigma emergente e a prática pedagógica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 117 p.
- CRUZ, Marília B. A. “O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História e da Educação”. In: NIKITIUK, Sônia M. L. (Org.) **Repensando o ensino de História.** São Paulo: Cortez 1996. p.67-92.
- FAZENDA, Ivani Catarina A. **Interdisciplinaridade – um projeto em parceria.** São Paulo: Edições Loyola, 1991. 119 p.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: **Vidas de professores.** NÓVOA, Antônio (Org.) Porto Codex – Portugal: Porto Editora Lda, 1995. p. 63-79
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA et. al. **História oral: desafios para o século XXI** – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CEDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000. p.31-45
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2002, 246p.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: saberes da docência e identidade do professor. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade** – Campinas, SP: Papirus, 1998 (Coleção Práxis) p.31-44
- PRIORE, Mary Del. “História das mulheres: as vozes do silêncio”. In: FREITAS, Marcos Cezar De. (Org.) **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998. p.217-235
- THONSON, Alistair. Aos Cinquenta Anos: Uma Perspectiva Internacional da História Oral. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes *et al* (Org.s) **História Oral: Desafios para o Século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000.